

MONITORIA EM SINTAXE: APRENDIZAGEM E APOIO À DOCÊNCIA

Anny Querubina de Souza Barros; Morgana Soares da Silva*
Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: O presente relato pretende descrever experiências adquiridas na prática da função de monitor. Através da observação da postura pedagógica da professora-orientadora, do suporte dado à docência e da condição de aluno-monitor; elencamos os singulares conhecimentos construídos e perpassados durante o exercício da monitoria, assim como o impacto dessa vivência na visão que o aluno-monitor tem da prática de Língua Portuguesa. Para tanto, observamos os resultados obtidos pelas turmas monitoradas à luz do dialogismo entre professor, monitor e alunos monitorados.

Este trabalho tem por objetivos relatar o trabalho desenvolvido junto aos discentes de duas turmas de *Língua Portuguesa 5: Sintaxe* (segundo semestre do ano 2000 e primeiro semestre de 2001) e demonstrar como as atividades exercidas pelas monitoras, além das corriqueiras (tais como: pré-correção de textos, auxílio na elaboração de materiais didáticos, execução de atividades burocráticas...), contribuem para um melhor desempenho das turmas monitoradas.

Para tanto, metodologicamente, perpassamos as seguintes etapas: a) exposição das atividades praticadas pelas monitoras, no tocante ao suporte à docência; b) descrição de algumas posturas pedagógicas da professora da já mencionada disciplina, principalmente quanto aos mecanismos avaliativos, exemplificando o rendimento de alguns discentes em relação a um conteúdo específico da disciplina: as *Orações adjetivas* e, por último, c) constatação do que as monitoras, enquanto alunas de graduação aproveitam dessa vivência e, conseqüentemente, quais as influências nas suas futuras práticas docentes. Exibiremos, graficamente, os resultados obtidos no decorrer dos semestres letivos, através da comparação das notas, a fim de justificar a visível melhora no desempenho dos alunos. Vale a pena salientar que o fato de essas experiências terem sido bem sucedidas deveu-se às tarefas previamente estabelecidas pela professora de *Sintaxe*.

A opção pela observação analítica de duas turmas da mesma disciplina não foi aleatória; deve-se ao fato de que diante da proposta pedagógica a ser posta em execução, o tempo regular de um semestre letivo não seria suficiente para avaliar o impacto da prática da docente e das monitoras nos monitorados.

O *corpus* analisado constitui-se das notas referentes ao primeiro e segundo exercícios desenvolvidos no segundo semestre de 2000, questão referente às Orações Adjetivas retirada da primeira prova aplicada no primeiro semestre de 2001 e da *situação*¹ dos alunos que participaram do projeto: *Grupo de estudos*.

Para a concretização dos objetivos e da metodologia acima mencionados, nos embasamos teoricamente, *grosso modo*, em GERALDI (2001); MENDONÇA (1999); PERINI (1995 e 1997) e POSSENTI (2000).

*Este estudo é um relato de experiências adquiridas pelas autoras através do desempenho de um ano de monitoria (um semestre de cada autora), na disciplina Língua Portuguesa 5, ministrada pela professora Márcia Mendonça.

¹ Esse termo refere-se à situação em que os alunos se encontram no final do curso.

Concepções norteadoras

Este relato de experiência é norteado por uma concepção de língua como um fenômeno cultural, social, histórico e cognitivo que se manifesta pelo uso e em consequência do uso, apresenta-se variável, heterogêneo e sujeito ao contexto em que está inserido.

A língua é uma *atividade construtiva*, uma vez que fica configurado no seu uso, a possibilidade de construção de sentidos que ultrapassam os próprios limites do código.

É essa concepção que fragiliza a idéia de ensino-aprendizado como algo hermético, acabado, para dar lugar à concepção de ensino como um processo, um evento aberto a mudanças ao longo do tempo e a diferentes fins pedagógicos.

Partindo desse entendimento de língua achamos ser atribuição do professor o exercício da prática sociointeracionista, pois se língua é forma de interação, toda aula e, conseqüentemente, toda proposta de produção devem resultar de formas de interação. Por isso não cabe aqui uma visão estruturalista de ensino, uma vez que nela o sujeito aprendiz figura como sujeito-assujeitado, ou melhor, como mero repetidor das *inquestionáveis verdades* impostas pelo professor, que figura não como o mediador dos conhecimentos, mas como detentor deles. Visamos à construção de um sujeito-aluno atuante, crítico e, principalmente, capaz de poder extrair do seu professor subsídios relevantes para a construção do seu próprio conhecimento.

Postura pedagógica da docente

Antes de iniciar o trabalho propriamente dito, faz-se necessário relatar a postura pedagógica da então docente da disciplina por nós observada, já que partiu dela a idéia de pôr em prática um projeto pedagógico semanal de acompanhamento aos discentes, que seria desenvolvido em parceria com a monitora da disciplina.

As aulas de Sintaxe partiam do princípio de que a gramática pode ser ensinada rompendo com as limitações da gramática tradicional (GT)², abordando a teoria gramatical à luz da lingüística de texto, como fazem KOCH & SOUZA e SILVA (2000) e AZEREDO (1990).

As concepções fundamentadoras do trabalho da docente, assim como sua postura pedagógica, alteraram não só os paradigmas dos alunos como também os nossos. Por essa razão, na nossa atuação enquanto docentes/monitoras também estão subjacentes os preceitos adquiridos no desempenho das atividades.

Monitoria: benefício para todas as partes

O trabalho de monitoria é sempre produtivo: *para o professor*, que passará a dispor de mais tempo para preparar as aulas e atender aos alunos; *para os estudantes*, que contarão com um acompanhamento a mais, com o monitor, além dos horários de aula, a quem poderão recorrer para dirimir suas dúvidas; e *para o monitor*, que iniciará, já bem cedo, atividades pertinentes a qualquer professor de língua, como o acompanhamento pedagógico e a orientação / correção de textos.

Durante a monitoria o aprendizado é constante e oriundo das funções desempenhadas. Além das atividades corriqueiras, por sugestão da orientadora, foi criado um grupo de estudo, para dar suporte, além do individual, aos discentes que por ventura ainda tivessem dúvidas acerca do assunto que havia sido trabalhado pela docente devido, entre outras coisas, às

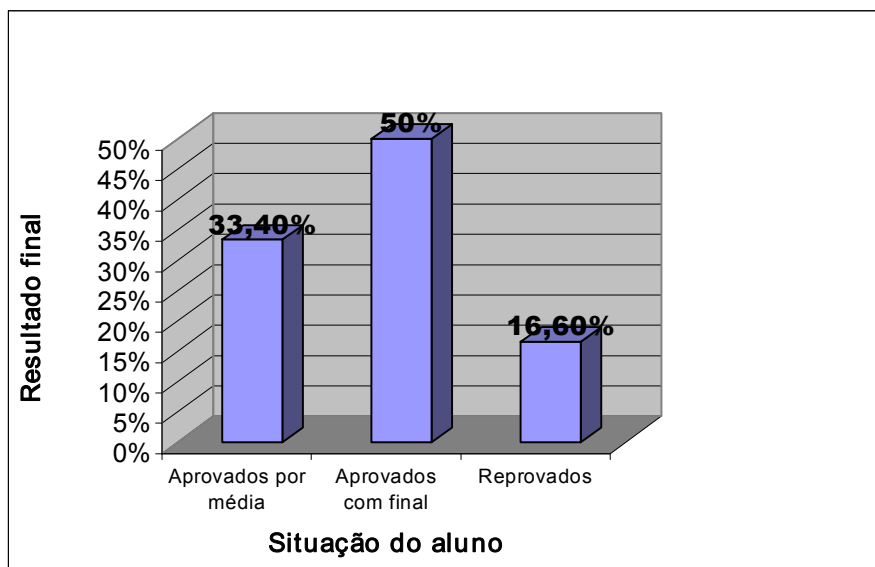
² Sempre que precisarmos fazer menção à *gramática tradicional* optaremos pela abreviatura GT.

lacunas existentes no conhecimento que deveria ter sido construído no Ensino Médio. Na prática, o grupo era constituído de alunos da disciplina e sua sistemática consistia no acompanhamento detalhado da monitora, orientada pela docente. Os encontros funcionavam semanalmente, em local e horário regulares. Eram funções da monitora: mediar reflexões teóricas dos conteúdos trabalhados em sala de aula pela professora, dirimir dúvidas existentes no processo ensino/aprendizagem e, principalmente, tentar compor a base que não foi constituída no Ensino Médio.

Para fins de exemplificação, exibiremos, no gráfico 1, o êxito do trabalho de apoio desenvolvido com o grupo de estudos na turma 2001.1 e, no gráfico 2, o rendimento geral da turma 2000.2³.

Nesse gráfico veremos o resultado final dos alunos da turma B que participaram assiduamente do grupo de estudo.

Gráfico 1: Desempenho do Grupo de Estudo

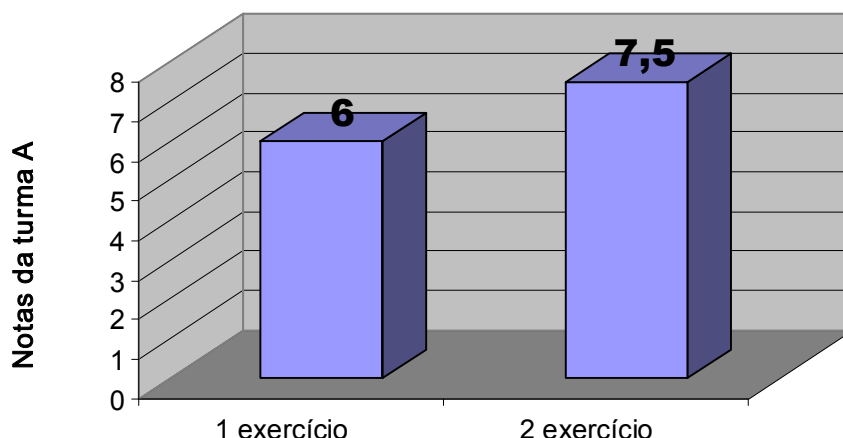


Com base nos dados explicitados no gráfico 1, concluímos que houve um bom desempenho do grupo, já que 88,40% dos alunos, integrados com o trabalho extra-classe coordenado pela monitora, foram aprovados. Esses resultados decorreram do notável *amadurecimento teórico* adquirido pelos integrantes do projeto na construção do conhecimento e num processo de aprendizagem que era composto de discussões pautadas na leitura da bibliografia, análise de dúvidas e reflexão teórica. O rendimento satisfatório é comprovado ao observarmos que apenas um aluno, dentre os freqüentadores do trabalho desenvolvido, foi reprovado.

Já no gráfico que segue, apontamos, através da comparação das médias aritméticas da turma A, a melhora no desempenho dos discentes:

³ Para facilitar a leitura do artigo, resolvemos estabelecer daqui para frente a seguinte convenção: chamaremos de **Turma A** a disciplina do segundo semestre de 2000 (2000.2) e **Turma B** a disciplina do primeiro semestre de 2001 (2001.1).

Gráfico 2: Impacto da Monitoria nos Resultados da Disciplina



Outros resultados do impacto da monitoria no rendimento dos alunos podem ser constatados a partir da análise do gráfico 2, que apresenta o aumento substancial de 1,5 pontos na nota do segundo exercício ao qual os alunos da turma A foram submetidos no decorrer da disciplina. Esse impacto causado na turma é resultante, entre outras coisas, do acompanhamento extra-classe, o que contribuiu para a visível mudança na postura daqueles alunos que no início do semestre letivo não interagiam na aula. Além da melhora quantitativa, observada no aumento da nota, houve, concomitantemente, o desenvolvimento qualitativo da postura dos discentes ante o processo ensino-aprendizagem. A apropriação de seu papel de *sujeito* caracterizou o abandono da postura apática e a opção por uma postura atuante e participativa, o que Vygotsky (1989), entende como sendo o aluno, também, construtor do seu próprio conhecimento.

Da avaliação aplicada

Vê-se a seguir uma das questões propostas no 1º exercício aplicado na turma B durante o curso:

Das questões a seguir, escolha uma para responder.⁴

4) Identifique as orações adjetivas no 3º parágrafo. Classifique-as e diga se elas poderiam ser explicativas ou restritivas indiferentemente. Justifique.

5) Identifique a ambigüidade da frase a seguir. Diga, para cada sentido, qual a mudança de função sintática. Não é preciso fazer o diagrama.

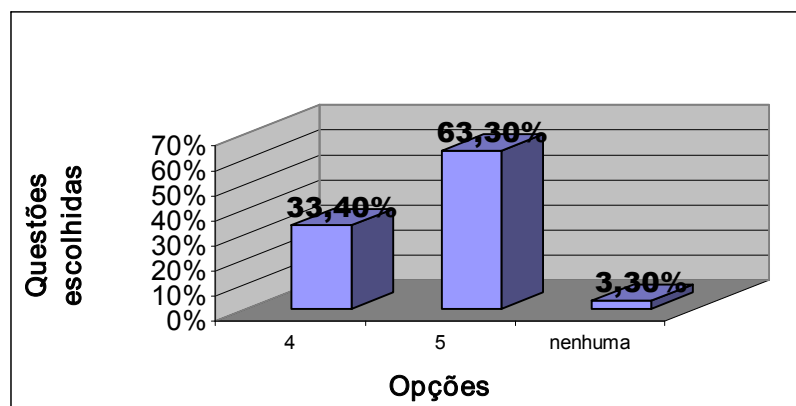
Deputado fala da reunião no canal 2

Nela, a docente propõe a escolha de uma entre duas orientações para uma análise sintática e textual. É justamente nessa escolha que nos deteremos para construir algumas hipóteses.

Manipulando as provas da turma B, detectamos os seguintes resultados:

⁴ Ver em anexo o prova aplicada em 2001.1

Gráfico 3: Frequência de Respostas

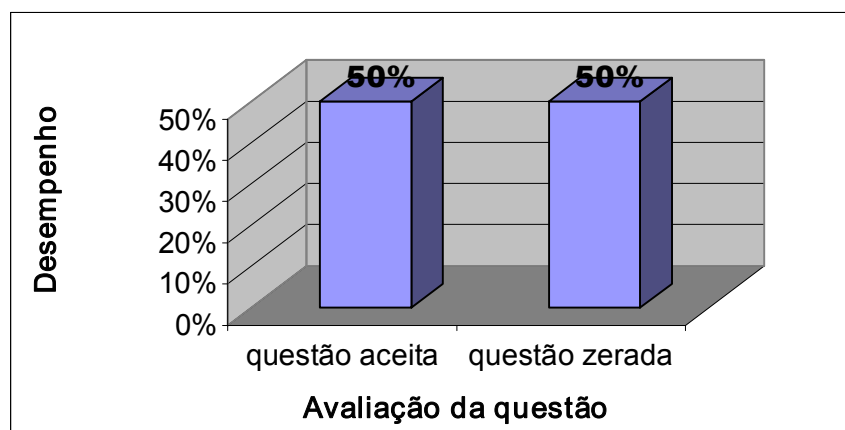


No gráfico 3, podemos ver que a maioria dos alunos preferiu não responder à questão das orações adjetivas (4), já que 63,30% responderam a questão 5. Diante disso, podemos dizer que há mais confiança por parte dos discentes em analisarem períodos simples. Ao observar as provas e diante do acompanhamento do alunos, podemos supor que uma das causas para a significativa parcela da turma não responder à 4ª questão é o fato de ela exigir a análise e reflexão de todo o texto.

Quanto à 4ª questão, aparentemente, ela aproxima-se das aplicadas no Ensino Médio; mas um olhar mais atento permite ver que o objetivo proposto na questão é constatar se os alunos fazem uma reflexão teórica do fenômeno sintático, aplicando os princípios da *lingüística textual*. Para responder ao questionamento analisado, os discentes, além de identificarem as orações como sempre pede a GT, têm que levar em consideração tanto o contexto quanto o co-texto. Pela densidade conceitual e teórica subjacente à questão, apenas a minoria optou por respondê-la.

Quanto aos discentes que optaram por responder à 4ª questão, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 4: Resultados da Quarta Questão



No quarto gráfico, constatamos que houve um bom rendimento dos alunos que optaram por responder à questão das adjetivas, já que a metade dos alunos teve a questão

aceita. Dizemos que a metade é um bom rendimento porque levamos em consideração que esse é o 1º exercício da turma no curso, atividade com um histórico de maus resultados.

Quanto ao percentual das questões zeradas, observamos que a maioria teve esse resultado por não identificar adequadamente as orações adjetivas, problema que deveria ter sido sanado desde o Ensino Médio. Esse problema ilustra a maior dificuldade da disciplina *Sintaxe*: a falta da base que deveria ter sido construída nos anos escolares. Como a disciplina tenta romper com alguns mitos tradicionais; é necessário que o aluno tenha internalizado pelo menos as teorias tradicionais. Quando isso não acontece⁵, há uma grande dificuldade em acompanhar as críticas teóricas, impedindo a reelaboração de sua concepção de gramática.

Quanto à questão aceita, a maioria respondeu adequadamente, fazendo uma pertinente conexão entre o aparato teórico, o exposto em sala de aula e, principalmente, o exercício de uma postura crítica, como em⁶:

(1) *As orações adjetivas são explicativas pois não criam um subconjunto do que adjetivam, apenas expõem fatos ou características. A escolha pela oração explicativa cria o sentido de que toda a gente sofrida anda espremida em ônibus, é escrava das filas e observa revoltada a corrupção da elite.(...) Se a oração utilizada fosse uma adjetiva restritiva, só uma parte dos pobres passaria por essas condições; e o que o escritor quer mostrar é que todos os pobres sofrem com esses fatos. O uso indiscriminado de uma pela outra não é possível, em se considerando as intenções do autor, nesse texto. E, diferentemente, do que diz a gramática normativa, a oração explicativa não é mero acessório, que pode ser suprimido sem causar mudanças de sentido. Pelo contrário, é ela a oração que tem a maior carga de informação.*

mas alguns alunos ainda estão presos aos mitos sintáticos tradicionais., como em:

(2) (...) *Introduzem informações suplementares que podem ser omitidas da oração sem causar-lhe dano de sentido...*” – DISPENSABILIDADE TÃO ERRONEAMENTE DIFUNDIDA PELA GT

(3) (...) *Caso fossem considerado como restritiva, não seriam separadas do restante do período por vírgulas ... (sic)* – DISTINÇÃO BASEADA APENAS NO CRITÉRIO FORMAL

No mais, passemos à conclusão.

Conclusão

Além de toda a experiência adquirida com o trabalho de suporte à docência, como orientandas, nós monitoras, além das vantagens já mencionadas, nos munimos de novas concepções de ensino, avaliação, língua e gramática, assim como de capacidade para elaborarmos diferenciados materiais didáticos necessários a nossa futura prática docente, fazendo com que ela esteja mais próxima da realidade lingüística – a prática textual.

Vale ressaltar, também, a importância da atuação do monitor para os alunos. Eles, talvez pela aparente posição de igualdade passada pelo monitor, uma vez que trata-se de uma relação *aluno-aluno* e não *professor-aluno*, não se sentem constrangidos em expor suas deficiências. Constatamos que essa relação de proximidade entre o aluno e as monitoras possibilitou o satisfatório desempenho das turmas estudadas.

⁵ Como vimos no item 3, o grupo de estudo foi criado para tentar diminuir as lacunas resultantes de um Ensino Médio que não capacitou nem minimamente os alunos.

⁶ Principalmente nos trechos destacados.

Referência Bibliográfica:

- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. 3ª ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- GERALDI, João Wanderley (org.) (2001). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática.
- KOCH, Ingedore & SOUZA e SILVA, Maria Cecília P. *Linguística aplicada ao ensino de português: sintaxe*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza (1999). *A sintaxe nos livros didáticos: ainda um desafio*. Recife, mimeo.
- PERINI, Mário (1995a). *Para uma nova gramática do português*. 8ª ed. São Paulo: Ática.
- PERINI, Mário (1995b). *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática.
- _____. (1997). *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática.
- POSSENTI, Sírio (2000). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado de Letras.
- VYGOTSKY, L.S. (1989). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – CAC

DEP. DE LETRAS – PORTUGUÊS 5 – PROFESSORA MÁRCIA MENDONÇA

1) **Escolha um dos tópicos abaixo e desenvolva. Use exemplos do texto abaixo.**

- a) caracterização da coordenação; b) caracterização da subordinação;
c) noção de tópico e foco; d) critérios da gramática normativa para
tratar tópicos de sintaxe.

2) Observe as escolhas sintáticas do 1º parágrafo, aponte a predominância e comente como elas auxiliaram na exposição das idéias.

3) Faça o diagrama em forma de árvore do período sublinhado e diga quais são as funções sintáticas dos termos.

Das questões a seguir, escolha uma para responder

4) Identifique as orações adjetivas no 3º parágrafo. Classifique-as e diga se elas poderiam ser explicativas ou restritivas indiferentemente. Justifique.

5) Identifique a ambigüidade da frase a seguir. Diga, para cada sentido, qual a mudança de função sintática. Não é preciso fazer o diagrama.

Deputado fala da reunião no canal 2.

EM VEZ DA DISTRIBUIÇÃO DE RENDA, A DO SACRIFÍCIO

É difícil mudar de assunto. Não se faz outra coisa a não ser discuti-lo nas casas, nos bares, nas esquinas, no trabalho. É visível a irritação das pessoas, é geral a revolta contra a imprevidência do governo, contra suas hesitações, sua desorientação/ contra esse descompasso de ora culpar ministros de ACM, ora a Anel ou a ONS. A indignação é sobretudo contra os arroubos punitivos.(...)

Com o racionamento, vamos viver daqui a pouco uma penosa experiência coletiva de vida, de cotidiano, de rotina diária (...).

(...) De qualquer maneira, como na prática o racionamento não atingirá os consumidores abaixo de 100 kWh, os efeitos da crise energética se farão sentir menos diretamente sobre eles, embora mais dramaticamente. Não serão punidos com corte de luz, mas de emprego. E nada será pior que isso para essa gente sofrida, que já anda espremida nos ônibus, que é pingente dos trens, escrava das filas e observadora revoltada e impotente da corrupção de sua elite. (...)

Apesar da indignação generalizada, é provável que mais uma vez a população se sensibilize e faça a sua parte, abrindo mão de algumas suadas conquistas da civilização. Nessas horas, ela costuma demonstrar uma rara obediência civil. Estrala, mas acaba apagando a luz. Não há dúvida de que à classe média caberá a cota maior do sacrifício imediato.

Ao construir com esse material um discurso fácil de promoção de justiça social e de estímulo à luta de classes, o governo parece querer resolver o problema da desigualdade fazendo uma inversão no escuro: em vez de distribuição de renda, a distribuição dos sacrifícios. É um risco. Resta saber até quando ele abusará da paciência nossa.

(Zuenir Ventura, Época, 28/05/2001, ano IV, nº 158, p. 67, adaptado)